

Revista **a**

# EVOLUÇÃO

Ano IV n. 41 Jun. 2023  
ISSN 2675-2573

FESTA

# JUNINA

Revista **a**



**A COMBATE AO RACISMO NAS UNIDADES EDUCACIONAIS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO: ESTRATÉGIAS E POSSIBILIDADES**  
Rafael Fernando da Silva Santos Fitipaldi



[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

# Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 41 - Junho de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (Angola):**

Manuel Francisco Neto

**Coordenaram esta edição:**

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**Organização:**

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**Colunistas:**

Ana Paula de Lima

Isaac dos Santos Pereira

## AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Andréa Godoy Miyashiro

Anildo Joaquim Da Silva

Célia Maria Batista

Diego Daniel Duarte dos Santos

Herbert Madeira Mendes

Joseneide dos Santos Gomes

Luís Filipe Narciso

Miriam Ferreira

Nayane Brito Veras Godinho Hermisdorf

Priscila Paula da Costa da Silva

Rafael Fernando da Silva Santos Fitipaldi

Viviane de Cássia Araujo

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 41 (jun. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 134 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.41

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.41>



São Paulo | 2023

## Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

## Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

## Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima  
Andreia Fernandes de Souza  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Isac dos Santos Pereira  
José Wilton dos Santos  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

## Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins  
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Profa. Mirella Clerici Loayza  
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara  
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

## Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

## Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva  
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Me. José Wilton dos Santos

## Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado  
Vilma Maria da Silva  
Lee Anthony Medrado

## Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703  
Whatsapp: 55(11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)  
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)  
<https://primeiraevolucao.com.br>

## Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>  
<https://pixabay.com>  
<https://www.pngwing.com>  
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições  
**Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

## PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

## PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.  
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres

 **FREE SOFTWARE  
FOUNDATION**



Filiada à:



Platform &  
workflow by  
OJS / PKP

Google Acadêmico



**[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)**

**A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais**

# SUMÁRIO

## 05 APRESENTAÇÃO

Prof<sup>a</sup>. Dra. Andréia Fernandes de Souza

## 06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



# ARTIGOS

\* Destaque

- |   |     |
|---|-----|
| 1. AS CONTRIBUIÇÕES DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS E AUDIOVISUAIS NAS ESCOLAS<br>Andréa Godoy Miyashiro  | 9   |
| 2. PRINCIPAIS AMEAÇAS DE SEGURANÇA DE INFORMAÇÃO E FORMAS DE MITIGAÇÃO<br>Anildo Joaquim Da Silva   | 17  |
| 3. CONCEITOS E ABORDAGENS SOBRE O DESENVOLVIMENTO NA INFÂNCIA<br>Célia Maria Batista  | 27  |
| 4. HISTÓRICO DE MENDEL PARA ENTENDIMENTO DA GENÉTICA<br>Diego Daniel Duarte dos Santos  | 33  |
| 5. REFLEXÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM<br>Herbert Madeira Mendes   | 41  |
| 6. A INCLUSÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO (TEA)<br>Joseneide dos Santos Gomes  | 55  |
| 7. A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS NO ENSINO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS<br>Luís Filipe Narciso  | 67  |
| 8. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REALIDADES E OBJEÇÕES<br>Miriam Ferreira   | 93  |
| 9. CONTEXTOS DE APRENDIZAGENS: A IMPORTÂNCIA DA SUA APLICAÇÃO DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL<br>Nayane Brito Veras Godinho Hermisdorf  | 99  |
| 10. A INCLUSÃO, EQUIDADE E A EDUCAÇÃO CAMINHAM JUNTAS<br>Priscila Paula da Costa da Silva   | 109 |
| ★ 11. O COMBATE AO RACISMO NAS UNIDADES EDUCACIONAIS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO: ESTRATÉGIAS E POSSIBILIDADES<br>Rafael Fernando da Silva Santos Fitipald | 115 |
| 12. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS<br>Viviane de Cássia Araujo  | 127 |

## A INCLUSÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO (TEA)

JOSENEIDE DOS SANTOS GOMES

### RESUMO

A presente pesquisa visa analisar a inclusão educacional das crianças com transtorno do espectro do autismo em escolas regulares. Dessa forma, percebe-se a complexidade do problema para pesquisar, será exibida, então, uma aproximação conceitual das definições que incluem esta temática, como inclusão, deficiência e instituições educacionais em nosso país. Se propõe uma investigação de carácter qualitativo e exploratório, a fim de obter um entendimento das crianças com autismo incluídas em salas de aula, assim como, trazer ideias que venham contribuir com o trabalho dos docentes para que se sintam adequadamente apoiados para satisfazer as necessidades destes estudantes, pois este apoio deve ser permanente. Constata-se que a abordagem inclusiva deve ser em todas as formas e níveis de educação, isto é, que a deficiência não é uma questão de "escolas especiais", porque esta atitude é segregacionista. A escola deve assegurar uma educação de qualidade para todos. A verdadeira questão não é saber como incluir, mas como abrir novas perspectivas, caminhos diferentes, caminhos que não existem e que podem ser encontrados e percorridos pelos próprios estudantes. É uma síntese de pesquisa que, com base em um conhecimento do transtorno do espectro do autismo, tem como objetivo trazer a questão de como a educação deve servir a todos cidadãos e, em particular, reforçar e adaptar essa atenção para aqueles que têm necessidades educacionais especiais. Finalmente, deverá ser dedicada especial atenção à questão do TEA, uma vez que é grande a responsabilidade na educação das crianças autistas.

**Palavras-chave:** Acessibilidade; Desenvolvimento; Educação Especial; Inclusão Educacional.

### INTRODUÇÃO

A inclusão dos alunos autistas é um desafio para o qual as escolas ainda não estão preparadas, apesar da legislação brasileira obrigar que elas recebam todos os alunos portadores de necessidades especiais.

É fato que a escola precisa se adaptar às necessidades dos alunos, ao invés dos alunos se adaptarem à escola. Esta é uma exigência desafiadora, principalmente para as escolas públicas que sempre trabalham com carência de profissionais suficientes e dos recursos necessários para proporcionar aos alunos o ambiente mais adequado para as exigências que as diferentes necessidades especiais exigem.

---

No caso dos alunos autistas, os professores precisam primeiramente conhecer o que é o autismo e as características dos portadores, principalmente para entender o comportamento que apresentarão no ambiente escolar, bem como os desafios que enfrentarão no seu cotidiano com estes alunos. Por isso, todos os estudos sobre a temática são importantes para auxiliar os professores na tarefa de compreender e realmente conseguir tornar realidade a inclusão educacional dos autistas.

A compreensão do que é autismo permite a comunicação clara entre profissionais e pais, ajuda os pesquisadores a estudarem este transtorno de um modo organizado e auxilia os terapeutas no desenvolvimento e avaliação de programas de intervenção.

Quando o assunto é oportunidade, a deficiência é um problema social, é o resultado das desigualdades criadas pela sociedade. E vale ressaltar, ainda, a importância de verificar as reais situações dos sistemas de ensino, e que estes possam favorecer gradativamente os alunos com necessidades especiais, dando condições para que essa criança se desenvolva plenamente.

Dessa forma, fazendo com que esse processo de incluir seja ampliado para valorizar a particularidade de cada um, considerando a diversidade. A inclusão é o que dá sustentação para vencer as dificuldades, e implanta a democracia dentro dos espaços educativos (BARBOSA, 2006).

A função da inclusão é mudar e melhorar a sociedade de maneira significativa favorecendo o acolhimento dos portadores de deficiências, e que isso envolve um processo contínuo e uma educação de qualidade.

Decidimos pesquisar esse tema, para compreendermos melhor as discussões em torno da inclusão, dando ênfase à inclusão de crianças autistas, já que de acordo com Suplino (2009), elas apresentam falhas no contato afetivo, referem a si mesmas frequentemente na terceira pessoa, não usam o pronome “eu”, e muitas não desenvolvem a fala, e as que falam por vezes não tem a intenção de se comunicar, pronunciam palavras, mas não conseguem apreender conceitos, usam a linguagem de maneira funcional e socialmente.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma abordagem acerca da inclusão educacional. Identifica a temática das necessidades educativas especiais, as características e a importância da integração escolar. E, por fim, será apresentada a definição e características do transtorno do autismo e os desafios para a inclusão de crianças com autismo no âmbito escolar.

Os dados necessários para a realização do trabalho serão os apontamentos sobre as temáticas da inclusão e sobre as crianças com o transtorno do espectro do autismo encontrados em artigos científicos e em obras como “Inclusão: Construindo uma sociedade para todos” de Sasaki (1999) e “Inclusão escolar de alunos com autismo”, de Suplino (2009), entre outros pesquisadores.

Quanto aos procedimentos para coleta desses dados, esta pesquisa será direcionada numa perspectiva bibliográfica, que consistirá num estudo de diferentes fontes para a análise do problema e elaboração de possibilidades.

De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de websites. Qualquer trabalho científico

---

inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

## **INCLUSÃO ESCOLAR**

A inclusão escolar tem seguido um processo progressivo de redefinições. A sua principal marca é um alto valor positivo que torna indiscutível. Com um significado mais preciso no início, foi, então, ampliada o seu alcance.

Segundo Barbosa (2006), primeiramente compreendida como a restituição da oportunidade de receber da instrução às pessoas com necessidades especiais, dentro dos programas educacionais de qualidade e, frequentemente, em escolas comuns para evitar seu isolamento, era crescente a sua cobertura para alcançar todos os sujeitos "diferentes": pela idade, pela localização geográfica, devido à situação de pobreza, pelo seu gênero, por sua pertença a grupos minoritários (povos indígenas e imigrantes com primeira língua e cultura diferente do oficial, grupos religiosos, indivíduos com problemas de adaptação social), por doença, por condição de trabalho, etc.

Duas definições surgem em um documento conceitual da UNESCO em 1994 sobre esta questão. Como uma definição geral propõe o seguinte:

A inclusão é vista como um processo de direção e resposta à diversidade das necessidades de todos os alunos através da participação na aprendizagem, culturas e comunidades e reduzir a exclusão dentro da educação. Envolve mudanças e modificações no conteúdo, abordagens, estruturas e estratégias, com uma visão comum que abrange todas as crianças da faixa etária adequada e uma convicção de que é da responsabilidade do sistema regular de educar todas as crianças (UNESCO, 2003, p. 3).

Mas também acrescenta que: "a educação inclusiva como uma abordagem visa abordar as necessidades de aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos, centrando-se especificamente sobre aqueles que são vulneráveis à marginalização e exclusão" (UNESCO, 2003, p. 4).

A proposta da educação inclusiva está calcada na Declaração de Direitos Humanos, Declaração Mundial Sobre Educação Para Todos, Declaração de Salamanca (1996) e os dispositivos legais. A Constituição Federal de 1988 é bem clara sobre os direitos inalienáveis educativos.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, s/d, p. 271).

A LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/1996), e os Pressupostos Teóricos que Fundamentam a Prática Pedagógica Socioconstrutiva. Também a legislação educativa para a inclusão deixa explícito a importância da inclusão na escola como direito garantido;

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas

---

habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008, p. 104).

O princípio fundamental desta proposta é o de que as escolas devem acolher a todos independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras, com espaço garantido ao exercício da cidadania, como meio eficaz de combate à exclusão de alunos do sistema educacional, o qual deve ser de qualidade.

É necessário ressaltar que a educação inclusiva se baseia em diversos princípios que servem de base de sustentação para uma proposta pedagógica necessária à sua efetivação e sucesso da mesma.

A educação inclusiva tem presentes as diferenças individuais do seu alunado, como também a crença de que cada pessoa se constrói socialmente. Esse pensamento tem como base os pressupostos teóricos do sócio construtivismo de Vygotsky e outros, segundo os quais o ser humano constitui-se nas interações sociais de cada momento histórico. Sasaki (1999, p.23), afirma que:

O socioconstrutivismo enfatiza o caráter social da produção do conhecimento e as interações dialógicas. Os conceitos formulados dessa maneira são juízos de valores culturais que se formam nos processos de ações coletivas, na cooperação social e na formação socializada do pensamento.

As interações são permeadas pela linguagem, cujos interlocutores, por meio dela, se transformam e transformam o mundo externo. É o constante entrelaçar da história social com a história individual. Por isso mesmo “o sujeito se faz como ser diferenciado do outro, mas formando na relação com o outro, singular, mas construído socialmente”. (SASSAKI, 1999, p. 23).

Se construirmos socialmente o nosso conhecimento nas relações interpessoais com os diferentes indivíduos em qualquer aspecto, não podemos negar às pessoas com necessidades especiais o direito de contribuírem com as suas diferenças nesse processo, como também de se constituírem através do mesmo.

A criança com alguma deficiência não é menos desenvolvida que a considerada “normal”, mas que se desenvolve de forma diferente. Este indivíduo contribuirá socialmente como os demais, diferenciando-se apenas quanto ao seu ritmo, e os caminhos percorridos na realização de suas funções psíquicas superiores (VYGOTSKY, 1984, p. 16).

---

Com base nesse parâmetro, é notório que o educador precisa resgatar o seu papel enquanto mediador responsável por possibilitar tanto a significação dos conhecimentos quanto à condução e redimensionamento do processo inclusivo na escola, no sentido de garantir a todas as pessoas, com deficiências ou não, o acesso e permanência no sistema de ensino. Para aceitar o desafio de mudança é preciso que a inclusão seja do interesse de todos.

O projeto educativo da escola precisa repensar a prática pedagógica para que o ensino se modernize e vá ao encontro das necessidades de seus alunos, da gestão democrática e da participação popular, sendo uma inovação que implica num esforço de atualidade primeira para uma educação comprometida com a qualidade e empenhada no redimensionamento da educação especial através de medidas viáveis empreendedoras para que a escola seja um espaço de exercícios democráticos e da cidadania e, sendo assim, o meio eficaz de combate à exclusão de alunos com necessidades especiais no sistema educacional.

A inclusão tem como princípio a passagem de uma escola da mesmice para a pedagogia da alteridade, que se preocupa com o outro que também é sujeito, tem desejos, tem memória e precisa ser respeitado.

## **O AUTISMO**

O Autismo é uma deficiência intelectual em que seu desenvolvimento persiste ao longo da vida. De acordo com Mercadante e Rosário(2009), esta síndrome é evidente durante os primeiros 30 meses de vida e dá origem a diferentes graus de linguagem e alteração de comunicação, de habilidades sociais e imaginação.

Estes sintomas são frequentemente acompanhados por comportamentos atípicos, tais como atividades e interesses repetitivos e estereotipados, movimentos oscilantes e obsessões incomuns em relação a determinados objetos ou eventos.

O TEA (Transtorno do Espectro Autista) pode ser associado com deficiência intelectual, dificuldades de coordenação motora e de atenção e, às vezes, as pessoas com autismo têm problemas de saúde física, tais como sono e distúrbios gastrointestinais e podem apresentar outras condições como síndrome de déficit de atenção e hiperatividade, dislexia ou dispraxia. Na adolescência podem desenvolver ansiedade e depressão. Algumas pessoas com TEA podem ter dificuldades de aprendizagem em diversos estágios da vida, desde estudar na escola, até aprender atividades da vida diária, como, por exemplo, tomar banho ou preparar a própria refeição. Algumas poderão levar uma vida relativamente “normal”, enquanto outras poderão precisar de apoio especializado ao longo de toda a vida (MERCADANTE, ROSÁRIO, 2009, p. 79).

De acordo com Lampreia (2007), a criança com autismo pode apresentar dificuldades de aprendizagem. Isto não quer dizer que a criança não se comunique, mas ela não o faz para se socializar, e sim para que o outro regularize seu comportamento. Para se comunicar ele utiliza da agressão, birra e autoagressão.

---

Há poucas pessoas com autismo que têm capacidades suficientes para viver com um grau importante de autonomia, e requerem muita ajuda ao longo de suas vidas. Os transtornos do espectro do autismo afetam aproximadamente um de cada mil nascimentos e é muito mais comum no sexo masculino do que no feminino, em uma proporção de quatro a um.

De acordo com Marques (1999), os transtornos do autismo, também conhecido como transtornos de desenvolvimento generalizado, são um conjunto de problemas relacionados com o neurodesenvolvimento, com as manifestações cognitivas e comportamentais, que causam notáveis limitações na autonomia pessoal e são uma importante causa de estresse na família.

Cunha (2013) diz que na década de 1970, o autismo, juntamente com outras categorias de diagnóstico, tais como transtorno desintegrativo na infância, transtorno de Asperger, e transtorno generalizado não especificado, faziam parte do chamado transtorno de desenvolvimento generalizado, o termo e classificação que ainda está em vigor nos manuais de diagnóstico. Socialmente são crianças isoladas, desinteressadas pelo meio ambiente e seus pares. Não têm um jogo simbólico. Seu contato visual é disperso. Têm dificuldade em reconhecer expressões faciais e têm pouca atenção compartilhada.

Marques (1999) explica os distúrbios, que são transtorno de Asperger: as pessoas que sofrem com este transtorno têm uma alteração séria e persistente da interação social. Baixa coordenação e concentração. Eles também mostram uma gama restrita de interesses. O desenvolvimento de sua linguagem tem sido geralmente bom, e eles não têm um compromisso cognitivo.

Ainda segundo Marques (1999), o Transtorno desintegrativo da infância - É uma condição muito rara. O desenvolvimento parece ser normal, mas há cerca de dois anos, há uma regressão comportamental em diversas áreas do desenvolvimento. Síndrome de RET: É apresentado principalmente nas meninas e, ocorre por causa da mutação de um gene que codifica a produção da proteína MeCP2. É caracterizado perda do uso propositivo das mãos, comportamentos estereotipados de suas mãos e, deterioração psicomotora progressiva. Transtorno de desenvolvimento não especificado generalizado: é caracterizado por uma grave dificuldade e generalizada no desenvolvimento das habilidades de comunicação verbal e não-verbal, em suas interações sociais e comportamento estereotipado e interesses, mas que não satisfazem os critérios para ser classificado em uma das quatro formas descritas acima.

Gomes et al (2010) diz que no ano 1979, as contribuições de Lorna Wing e Judith Gould, acomodaram o conceito à ideia de um contínuo, considerando a denominação do transtorno do espectro do autismo, graus de complexidade ou severidade. Apenas a síndrome de Ret, por ter uma entidade genética reconhecida, seria excluída nesta denominação. Mas,

A partir do último Manual de Saúde Mental – DSM-5, que é um guia de classificação diagnóstica, o Autismo e todos os distúrbios, incluindo o transtorno autista, transtorno desintegrativo da infância, transtorno generalizado do desenvolvimento não-especificado (PDD-NOS) e Síndrome de Asperger, fundiram-se em um único diagnóstico chamado Transtornos do Espectro Autista – TEA. O TEA é uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro, antes, durante ou logo após o

---

nascimento. Esses distúrbios se caracterizam pela dificuldade na comunicação social e comportamentos repetitivos. Embora todas as pessoas com TEA partilhem essas dificuldades, o seu estado irá afetá-las com intensidades diferentes. Assim, essas diferenças podem existir desde o nascimento e serem perceptíveis; ou podem ser mais sutis e tornarem-se mais visíveis ao longo do desenvolvimento (GOMES et al, 2010, p. 67).

A abordagem do DSM 5 eliminaria as categorias descritas. E o grau de comprometimento ou severidade seria delimitado, desempenho cognitivo e a presença e funcionalidade da linguagem.

## **AS CRIANÇAS COM AUTISMO E A INCLUSÃO EDUCACIONAL**

De acordo com Lampreia (2007), as crianças com Autismo têm frequentemente uma escolaridade em escolas de educação especial, embora possam fazer da escola instituições de educação convencionais.

Para Marques (1999), também é possível que as crianças com autismo tenham um nível de escolaridade completo em uma escola convencional. Tudo depende de características individuais, do grau do transtorno e o critério de profissionais que irão participar das avaliações.

Embora possa haver um certo número de estratégias de intervenção concebidas para crianças com autismo nas escolas e que são comumente usadas em ambientes educativos, não existe uma única intervenção ou uma abordagem que demonstrou a eficácia para todas as crianças com o transtorno, cada uma tem suas particularidades e é necessário conhecer a criança a fim de estabelecer uma intervenção eficaz.

A fim de fazer o máximo de qualquer intervenção ou estratégia de ensino, que exige uma revisão cuidadosa da visão da família para o acompanhamento da criança: a capacidade de comunicar, como ela prefere se comunicar, a sua capacidade cognitiva, o estilo de aprendizado, comportamento adaptável e habilidades de vida cotidiana.

Suplino (2009) afirma que apesar de saber as características gerais de crianças com autismo e saber ao mesmo tempo o tempo de atividades que são melhores para elas, as estratégias de ensino devem ser individualizadas e adaptadas para a criança em questão e não apenas para o perfil geral do autista.

As crianças com autismo, por vezes, têm pontos fortes visuais e sabendo disso, os profissionais podem modificar suas estratégias instrucionais de diferentes maneiras e ensiná-los visualmente o que querem ensiná-los. Por exemplo, se um professor quer ensinar uma criança a colocar um casaco em um cabide todos os dias, ele deve mostrar-lhe exatamente como fazê-lo.

Suplino (2009) diz ainda que também é importante fornecer cronogramas visuais com os eventos do dia para que a criança possa antecipar o que vai acontecer e quais as atividades que irá realizar. Um cronograma visual pode ser escrito para aumentar a compreensão (vai depender do grau da criança e do nível cognitivo). Na escola se pode ter esse mesmo cronograma na mesa para vê-lo mais claramente.

---

Além disso, é necessário trabalhar mantendo um contato visual com a criança para ser capaz de captar a sua atenção, embora este pode ser um grande desafio, uma vez que o autista pode ter dificuldades para manter o contato com os olhos por causa das dificuldades com a modulação de informações visuais.

Mendes (2004) afirma que embora a criança não olhe diretamente para o adulto, será este quem deve ter certeza de que ele está ouvindo-o, verificando a compreensão. Por vezes, para que a criança seja motivada, pequenas pausas podem ser permitidas entre as aulas. O reforço, as atividades de adaptação para a inclusão e a superação de dificuldades de socialização serão essenciais para o desenvolvimento da criança com TEA. A fim de promover uma boa inclusão na educação escolar, podem ser levados em consideração os seguintes critérios, de acordo com Cunha (2013, p. 121):

- Use rotinas consistentes para reduzir a ansiedade da criança com autismo e aumentar a sua capacidade de trabalhar autonomamente.
- Realize atividades em grupo em que a criança pode manter contato com outras crianças, mas sem pressioná-la a todo momento.
- Dê instruções visuais, regras e use horários com pictogramas (e também a agenda diária).
- Se a criança está sentindo muito esforço, deve-se ter um lugar para acalmá-la e chamá-la "a zona quieta." Nesta zona deve-se fornecer atividades de liberação de estresse como brinquedos para apertar, ouvir música, etc.).
- Compreender a sua necessidade de tempo para a transição e planejar. Se pode configurar as atividades de transição para quando terminar suas tarefas e visualmente lembrá-la dos tempos e atividades para torná-la mais fácil de passar de uma atividade para outra.

Estes são apenas indicações gerais que devem ser conhecidas para a criança com autismo a fim de adaptar os critérios de ensino numa base individual.

## **OS DESAFIOS DO AUTISMO NA ESCOLA**

Estudantes com autismo muitas vezes apresentam desafios singulares nas escolas, e os professores frequentemente acham difícil atender às suas necessidades de uma forma eficaz.

De acordo com Suplino (2009), em nível internacional, cerca de 1 em cada 68 crianças recebem um diagnóstico de transtorno do espectro do autismo (TEA). O autismo é uma deficiência de desenvolvimento que pode causar grandes problemas de comunicação social e comportamental.

Cada pessoa com espectro do autismo tem sua personalidade e suas necessidades serão refletidas em uma maneira diferente. Os desafios vivenciados pela interação social e comunicação com os outros são comuns entre os alunos autistas, e terão um impacto sobre cada aspecto de suas vidas.

Suplino (2009) afirma que estes desafios podem levar a níveis muito mais elevados de estresse, ansiedade e depressão do que outros alunos. Até 72% dos estudantes no espectro do autismo têm necessidades adicionais da saúde mental.

---

Denari (2006) diz que as salas de aula são ambientes sociais que dependem em grande parte da capacidade de interagir, socializar e comunicar com outras pessoas de forma eficaz. Isso pode intensificar o estresse, ansiedade e depressão que os alunos do espectro podem experimentar. Isso implica um desafio único para as escolas e professores, com os alunos autistas até quatro vezes mais provável do que seus pares para exigir serviços adicionais para a aprendizagem e apoio social.

Dessa forma, de acordo com Suplino (2009), a pesquisa aponta para a importância de compreender a ligação entre a aprendizagem acadêmica e a competência social e emocional. A falta de competência social e emocional pode conduzir não só à redução da ligação do aluno com a escola, mas também ao desempenho escolar.

Isso reforça a noção de que a aprendizagem socioemocional desempenha um papel decisivo na aprendizagem, bem como no atendimento escolar, comportamento de sala de aula, ou participação escolar dos demais alunos.

O enfoque excessivo em aspectos acadêmicos e curriculares exigidos das escolas muitas vezes ofusca e negligencia uma abordagem que visa aproximar a aprendizagem socioemocional e a saúde mental.

A inclusão deve ser criativa na identificação de desafios que os alunos encontram ao tentar acessar oportunidades de educação de qualidade para eliminar as dificuldades. Trata-se de satisfazer as necessidades de todas as crianças para garantir que recebam uma educação de qualidade e tenham a oportunidade de alcançar o seu potencial.

A simples colocação física da criança com necessidades educativas especiais na classe regular não é, de forma alguma, garantia de sucesso escolar. Pelo contrário, caso a escola não consiga proporcionar-lhe uma educação apropriada, então "despejá-la" na classe regular constituirá um ato irresponsável (CORREIA, 1997, p. 9-10).

Muitas vezes é assumido que a "inclusão" significa que os alunos precisam estar em sala de aula regular em todos os momentos. Suplino (2009) diz que quando a inclusão é interpretada desta forma, os alunos podem não ter acesso às definições que abordam adequadamente e atender às suas necessidades.

A aplicação destes ajustamentos deve ser adaptada às necessidades individuais dos alunos. As escolas também devem ter cuidado para não correr o risco de generalizar, os alunos com autismo podem ser tão diferentes uns dos outros como qualquer outro aluno.

Suplino (2009) diz ainda que os estudantes com autismo frequentemente necessitam estar um tempo longe de outros estudantes e das demandas da classe. A frequência que isso deve acontecer será baseada nas necessidades individuais dos alunos envolvidos, e onde vão nessas situações depende do ambiente escolar.

Fazer isso iria ajudá-los a não só gerenciar os desafios sociais e sensoriais do ambiente escolar, mas também o estresse e ansiedade que eles podem experimentar.

Algumas sugestões para docentes como poderiam apoiar melhor as necessidades de alunos autistas:

---

Seria útil se os professores pudessem ajudá-los a lidar com a mudança e transição, simplesmente lembrando-os quando uma mudança está vindo. O caminho para essa mudança conceitual teria que ser construído a partir do trabalho colaborativo do professor do ensino comum com o professor especializado, além de equipes multiprofissionais que atuariam, preferencialmente, dentro da escola e da classe comum (MENDES, 2004, p.227).

Denari (2006) diz que poderiam usar um Tablet ou um laptop para ajudar com o trabalho da escola, ao invés de escrever à mão. Isso pode ajudar os alunos do espectro a superar muitas das dificuldades das habilidades motoras que dificultam a escrita à mão. Também pode ajudar dando-lhes uma cópia das instruções ou informações que o professor escreve no quadro-negro.

Os estudantes com autismo podem encontrar tarefas que requerem muito planejamento e organização, como atividades de execução, participação em avaliações ou preenchimento de tarefas domésticas, que são extremamente difíceis. Isso pode ter um impacto negativo sobre a sua capacidade cognitiva, social e acadêmica.

Segundo Denari (2006), as escolas podem permitir que os alunos mais velhos tirem fotos dessas instruções usando seu telefone celular ou Tablet. Ter um espaço tranquilo para completar suas avaliações e obter ajuda com a organização de si mesmos e os aspectos sociais da escola também são colocados como uma estratégia a ser tida em conta.

Há uma série de barreiras para proporcionar um apoio melhor e adequado para atender às necessidades educacionais dos alunos com autismo. Estes incluem: financiamento, falta de conhecimento e formação, falta de pessoal especializado de apoio e tempo, falta de recursos adequados, e tamanho da classe.

O financiamento pode ter um impacto sobre a quantidade de recursos, apoio e pessoal especializado disponível para os professores para ajudar a individualizar a sua abordagem. O financiamento e os recursos variam entre o estado e a escola. O treinamento do professor e experiência em autismo vão variar.

Para garantir o êxito dos trabalhos na escola inclusiva, algumas considerações devem ser apontadas: apoio de especialistas, unificando os dois sistemas e adaptando-os às necessidades de todos os alunos; potencialização das formas de intervenção, isto é, aplicação dos sistemas consultivos e de intervenção direta em sala de aula comum por meio do ensino cooperativo; adoção de uma nova organização escolar, propondo a colaboração, o ajuste mútuo, as formas interdisciplinares e o profissionalismo docente (DENARI, 2006, p.36).

Os professores e especialistas que trabalham neste domínio devem sentir-se adequadamente apoiados para satisfazer as necessidades destes estudantes, e este apoio deve ser permanente. O uso de abordagens educacionais adaptadas individualmente e flexíveis são decisivas. Isso requer que os professores tenham uma certa quantidade de opções de recursos pedagógicos que possam ser implantados dentro e fora do ambiente de classe.

---

Também devem estar disponíveis contribuições de uma equipe multidisciplinar, incluindo especialistas em educação e aliados entre profissionais de saúde.

Não é suficiente para dar formação de professores sobre o autismo. Eles precisam de assistência adicional de pessoal qualificado adequado para fazer os ajustes necessários que se encaixam no contexto de sua sala de aula e escola.

É extremamente importante identificar o quanto antes o autismo, e a partir daí buscar recursos e ferramentas pedagógicas para o desenvolvimento dessa criança, onde a participação da família é necessária para obter bons resultados frente às atividades relacionadas à educação e a vida social.

O espaço escolar é o que mais contribui para o desenvolvimento do autista, pois oferece à criança o contato a convivência com outro. Tem também a figura do professor que acaba sendo a ponte que dá acesso a novas habilidades através da mediação. Existem muitos benefícios ao inserir uma criança especial junto às demais, porque é por meio da troca, da interação é que ela vai se desenvolver.

## **CONCLUSÃO**

Esta pesquisa teve como intenção mostrar que a inclusão educacional de alunos com necessidades educativas especiais – especificamente o autismo – na escola tem sido um desafio não alcançado, no entanto o aumento da população com NEE tem permitido começar a trabalhar sobre os princípios de diversidade e de igualdade que permitiria uma mudança nas concepções de todos os profissionais envolvidos no processo de aprendizagem, como professores, psicopedagogos, alunos, e a sociedade como um todo.

A inclusão no domínio da educação tem sido o principal fator para promover os princípios de diversidade e de igualdade, existem teorias que se aplicam em sala de aula para promover os princípios, a teoria sociocultural de Vygotsky é uma delas a socialização é o processo natural para a convivência na diversidade e diferenças individuais nos permitem reconhecer a inteligência possuída por cada pessoa.

O autismo é um fenômeno muito complexo. Uma grande quantidade de recursos e de uma multiplicidade de recursos especiais tornam difícil de abordar educacionalmente. Esta pesquisa é muito importante para abordar certos temas para educar as pessoas com autismo.

Conforme discutido na pesquisa, a escola e a sociedade como um todo precisa fornecer um trabalho de apoio que permite a inclusão de crianças com autismo. Que não é facilmente alcançado, na medida em que requer um processo de consciência social e de trabalho por parte de muitos profissionais. Uma vez que as pessoas com autismo ocupam um lugar dentro do nosso sistema de ensino, embora seja um local periférico pode obter uma educação de alta qualidade.

Esta educação de qualidade deve ser especializada e é por isso que vários modelos foram propostos que expõem formas de trabalho que melhoram a educação da criança com autismo.

Estes modelos assumem as características das crianças com autismo, tais como intolerância à variedade, déficits sociais, comportamentos desadaptados, e tentam estabelecer um espaço dentro do quadro educacional para capacitar e desenvolver as qualidades.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Beatriz. **Mundo Singular: Entenda o autismo**. São Paulo: Editora: Objetiva/Fontanar, 2006.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- \_\_\_\_\_. **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: s/d. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2023.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, janeiro de 2008.
- CORREIA, L.M. **Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares**. Porto: Porto Editora, 1997.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.
- DENARI, F. Um (novo) olhar sobre a formação do professor de educação especial: da segregação à inclusão. In: RODRIGUES, D (org.). **Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GOMES, Camila Graciella Santos; MENDES, Enicéia Gonçalves. Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, ,2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v16n3/v16n3a05.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- LAMPREIA, Carolina. **A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo**. Campinas, 2007. Estudos de Psicologia Campinas, v. 24, 2007.
- MARQUES, M. O. da Silva. Saberes escolares: para além da escola. In: RAMAL, A. C. et al. **Provocações da sala de aula**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MENDES, E. G. **Construindo um “lócus” de pesquisas sobre inclusão escolar**. Temas em educação especial: avanços recentes. São Carlos: EdUFSCAR, 2004.
- MERCADANTE, Marcos Tomanike.; ROSÁRIO, Maria Conceição. **Autismo e cérebro social**. São Paulo: Segmento Farma, 2009.
- SASSAKI, R.K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.
- SUPLINO, Maryse. **Inclusão escolar de alunos com autismo**. Centro Ann Sullivan do Brasil – RJ. 2009.
- UNESCO. (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). **Tornar a educação inclusiva**. Organizado por Osmar Fávero, Windyz Ferreira, Timothy Ireland e Débora Barreiros. Brasília: UNESCO, 2003.
- VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

**Joseneide dos Santos Gomes** - Doutora em Psicologia Social pela UK – Universidade John Kennedy; Codiretora da Teses de Doutorado. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Anglo Latino, USP, Universidade de São Paulo; Filosofia pela Universidade Metropolitana de Santos; Artes pela Faculdade de Artes Dulcínea de Moraes; Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba; AEE-Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul; Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP; Atuou como professora Universitária IEF; Atuou como professora de Filosofia na rede estadual de Ensino de São Paulo por 14 anos; Atuou como Tutora Online no Curso de Especialização: PREVINA / UNIFESP Universidade Federal de São Paulo e experiência como Assistente de Direção.



**ORGANIZAÇÃO:**  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS):**

Andréa Godoy Miyashiro  
Anildo Joaquim Da Silva  
Célia Maria Batista  
Diego Daniel Duarte dos Santos  
Herbert Madeira Mendes  
Joseneide dos Santos Gomes  
Luís Filipe Narciso  
Miriam Ferreira  
Nayane Brito Veras Godinho Hermisdorf  
Priscila Paula da Costa da Silva  
Rafael Fernando da Silva Santos Fitipaldi  
Viviane de Cássia Araujo



Produzida com utilização de softwares livres



Platform &  
workflow by  
OJS / PKP

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

